

## MAKING IT EASY: AS REPETIÇÕES NO DISCURSO DE FERNANDO COLLOR

Liana Biar<sup>1</sup>

*Resumo: Lançando um olhar sociocognitivista sobre um fenômeno geralmente estudado sob outros pontos de vista (textual e interacional), este estudo descreve as funções sociocognitivas das repetições lexicais e sintáticas em um contexto socialmente situado: o discurso político de Fernando Collor datado das eleições de 1989. Tendo em vista os fatores de ordem pragmática que emergem desse contexto, principalmente o propósito comunicativo, combinamos bases teóricas em Processamento do Discurso e Semântica Cognitiva para construir hipóteses que explicassem a saliência das repetições no discurso político de Collor. A análise qualitativa dos dados aponta para o uso da repetição enquanto estratégia lingüístico-discursiva útil na construção argumentativa e na diminuição do custo de processamento do discurso, alinhando-se, portanto, aos propósitos de convencimento e alcance das massas.*

Os meios de comunicação de massa vêm, desde a segunda metade do século XX, no caso do contexto brasileiro, protagonizando os modos de se fazer política no país. Ajustando-se tanto aos propósitos de alcance e adesão característicos da propaganda política, quanto à lógica quantitativa que lhe dá suporte (cf. Lima, 1969), as novas formas de comunicação parecem cada vez mais aderir ao lema “seja simples” (*make it easy*), lançando mão de recursos lingüístico-discursivos capazes de realizá-lo.

O presente artigo pretende apresentar uma análise do discurso de Fernando Collor de Mello, quando das eleições presidenciais de 1989, buscando observar, do ponto de vista lingüístico-discursivo, uma de suas estratégias mais salientes ao olhar qualitativo: as repetições.

Nesse sentido, trabalhamos basicamente com duas hipóteses: segundo a primeira, as repetições, em suas formas lexicais e sintáticas, funcionariam como recurso discursivo que diminui o custo de processamento do discurso, tornando-o bem mais acessível e assimilável às massas – função essa intimamente relacionada aos propósitos da espetacularização política. A segunda hipótese concebe especificamente as repetições sintáticas como pistas que acionam mecanismos de re-categorização por mesclagem (Fauconier & Turner, 2002), pela associação de elementos via posição similar na estrutura sintática.

Nosso estudo será descrito neste artigo a partir da seguinte estrutura: no item 2, apresentaremos as considerações metodológicas acerca da pesquisa, caracterizaremos o *corpus* e o objeto investigado; no item 3, analisaremos as repetições enquanto estratégia argumentativa, conforme apontado por diversos autores que se debruçaram sobre o tema; no item 4, introduziremos a questão do processamento do discurso, mostrando como as repetições, em nosso contexto, funcionam como estratégia de diminuição do mesmo; no item

---

<sup>1</sup> UERJ/FAPERJ. Orientadora: Tânia Mara Gastão Saliés.

5, trataremos especificamente dos processos de re-categorização por mesclas engendradas pelas repetições; por fim, no item 6, teceremos as considerações finais, com as contribuições e encaminhamentos da pesquisa.

### 1) Considerações Metodológicas

Para responder à nossa pergunta de pesquisa: *qual o papel das repetições no discurso político de Fernando Collor de Mello*, contamos com um *corpus* formado por 7.471 palavras, extraído dos três primeiros programas televisivos do candidato, que foram ao ar em rede nacional durante a campanha de 1989. Maiores informações sobre os programas encontram-se na tabela 1.

A escolha dos programas deu-se em função da relevância dos mesmos no processo de ascensão de Collor, que, segundo pesquisas de intenção de voto, alcança definitivamente a posição privilegiada que o levou à eleição justamente a partir dos referidos programas. Desses, extraímos e transcrevemos todas as falas do então candidato, para proceder à análise qualitativa das ocorrências de repetições lexicais e sintáticas.

**Tabela 1 – Dados do Corpus**

PROGRAMAS	PARTIDOS	DATA DE EXIBIÇÃO	Nº DE PALAVRAS
1º	PRN	30 de março de 1989	2.279
2º	PSC	27 de abril de 1989	2.823
3º	PTR	18 de maio de 1989	2.369
			<b>Total: 7.471</b>

Ainda que o espaço deste artigo não nos permita descrição detalhada do contexto, é bom lembrar que, ao refletirmos sobre o uso das repetições, estaremos necessariamente conjugando à descrição lingüística as práticas sociais, as identidades dos participantes, a moldura comunicativa e os modelos comunicativos que dela emergem, as características do gênero, as orientações ideológicas e, principalmente, o propósito comunicativo. Só assim acreditamos ser possível dar conta das funções desempenhadas pelas repetições no contexto socialmente situado.

Nesse sentido, nossas hipóteses acerca do uso das repetições decorrem de inferências que levaram em consideração as configurações genéricas de uma campanha política e os papéis nela instanciados somados ao propósito comunicativo, bem como ao modo televisivo em que o gênero se realiza – uma combinação de discurso preparado com efeitos de interação face a face.

Podemos, então, levando em conta esses fatores, reformular nossa pergunta de pesquisa: *Como o uso das repetições no discurso de Collor alinha-se às expectativas do gênero, especialmente ao seu propósito comunicativo de atingir, convencer e comover grandes massas?*

Num *continuum* que vai da retomada idêntica de estruturas até a mera conservação de um sentido (como na paráfrase), são vários os tipos de repetição comumente observados. Neste trabalho, nos detivemos na análise de três tipos de repetição, sem fazer qualquer tipo de distinção funcional entre elas: 1. **repetição lexical simples**: repetições de itens lexicais sem alteração na forma; 2. **repetição lexical complexa**: repetições que incluem apenas o morfema lexical; 3. **paralelismo sintático**: repetições de todo um padrão sintático, seja idêntico, seja com diferença.

(1)

*cadeia.*

*Os corruptos tem que estar na **cadeia***

*E a **impunidade**,*

*Ela- só há corrupção porque há **impunidade**.*

*A **impunidade** é a certeza que o **corrupto** tem*

*De que,*

*Praticada a sua **corrupção**,*

*Nada vai lhe acontecer.*

(2)

*(...) e que queiram nos auxiliar neste trabalho de reconstruir o Brasil dentro dos preceitos **da eficiência**,*

***da moralidade**,*

***da austeridade**,*

***da justiça social***

No exemplo (1), as ocorrências de ‘cadeia’ e ‘impunidade’ são exemplos de repetição lexical simples, enquanto as ocorrências de ‘corrupto’ e ‘corrupção’ são exemplos de repetição complexa. Já no exemplo (2), as ocorrências ‘da eficiência’, ‘da moralidade’, ‘da austeridade’ e ‘da justiça social’ são repetições por paralelismo sintático.

## **2) As repetições na argumentação**

Na história dos estudos lingüísticos, as repetições em discursos falados e escritos já foram descritas em termos de formas e funções por diferentes autores e correntes lingüísticas.

Estudos como os de Halliday e Hasan (1976); Fávero (2004); e Koch (2005) tentaram estabelecer taxonomias para as repetições tendo em vista sua função na coesão textual. As divergências no tratamento e classificação, no entanto, acabam por corroborar a idéia de que, como todo recurso lingüístico, as repetições prestam-se a diferentes funções em diferentes contextos de interação.

Desde Aristóteles (s/d), já se tratava das repetições enquanto um recurso oratório que confere clareza, naturalidade e ritmo típicos da linguagem ordinária: “*a arte deverá dissimular-se e não parecer afetada, mas natural, só com essa condição se conseguia persuadir, se não, provoca-se o efeito contrário*”(s/d: 176). Ainda segundo Aristóteles, o “estilo das discussões”, ao contrário do escrito, caracteriza-se pela dramaticidade. As repetições declaradamente enquadram-se naquilo que o autor chama de “*meios próprios da oratória*” (idem).

Koch (2005) parece corroborar a idéia de Aristóteles, ao atribuir às repetições função de “reformulação retórica”(2005:88). Para a autora, as repetições e parafraseamentos podem funcionar como estratégias que permitem ou facilitam a produção e compreensão dos textos, bem como para reforçar a argumentação, causando um efeito de “água mole em pedra dura”, como uma forma de martelar um elemento na mente do interlocutor até que este se deixe persuadir.

No exemplo (3), temos uma estrutura de paralelismos em listagem bastante típica de discursos públicos orais, na qual a relação estabelecida entre ‘desemprego’ e ‘escravidão’ é constantemente reforçada com acréscimo de outros elementos. As formas repetidas vão reajustando a informação (“marginalidade”, “injustiça”, “bens de produção”) ao passo que reafirmam a base semântica comum “escravidão”.

Esse é um exemplo típico daquilo que foi nomeado por Koch (2005) de reformulação retórica. Nota-se aqui o mesmo efeito “água mole em pedra dura” proposto pela autora, de convencimento por insistência e insistência apoiada na desaceleração do ritmo da fala, fornecendo ao receptor o tempo necessário ao processamento das idéias novas, que estão sempre apoiadas em uma base ‘dada’ e constantemente retomada.

(3)

*mas continua .. a escravidão do desemprego,*

*da fome e da desigualdade de renda, ..*

*a escravidão da marginalidade,*

*da periferia dos grandes centros..*

*ou no abandono dos campos*  
***A escravidão da injustiça ..***  
*que acoberta os poderosos ..*  
*e massacra os desprotegidos..*  
***A escravidão dos bens de produção,***  
*que alijam o homem do acesso aos bens de consumo,*  
***a escravidão do meio ambiente,***  
*sujeito ao interesse .. dos grandes senhores,*  
***a escravidão do analfabetismo, ..***  
*que embrutece as gentes.*  
*Enfim, ..*  
***a escravidão dos costumes, ..***  
*em que a esperteza .. é o valor supremo do homem, ..*  
*a desonestidade é instrumento de sucesso, ..*  
*a corrupção é atributo de poder, ..*  
*e a desfaçatez é a medida da aferição do caráter dos homens...*

Nesse tipo de repetição oracional, não apenas marca-se enfaticamente a posição do enunciador, como se cria um jogo rítmico de “marteladas” que mantém tal posição como tópico no discurso. Isso confere uma carga de dramaticidade própria ao texto, típico da poesia pública oral.

Outros autores, como Tannen (1989), analisaram as repetições em contextos situados, descrevendo seu comportamento na construção do sentido e suas funções discursivas. Tannen observou as repetições enquanto metagensagens de envolvimento interpessoal (1989:9); criadouros de universos compartilhados que surgem espontaneamente na conversação. Envioimento, para Tannen, significa conexão interna e psicológica entre indivíduos, que emerge da animação da voz do outro; da criação do ritmo e da sonoridade.

A autora ainda observa que, a despeito das construções conversacionais, também os discursos preparados se utilizam das repetições, segundo a tendência já apontada desde Aristóteles, para re-elaborar e manipular estratégias espontâneas de recriação do envioimento que é típico desta. E, segundo Tannen, os discursos públicos são um tipo de poesia pública oral, estando as repetições, o ritmo e a capacidade de gerar comoção no alicerce de seu poder persuasivo (Tannen, 1989:176).

As repetições oracionais, como aquelas dos exemplos (3), geralmente, criam um ritmo envolvente no discurso, conferindo uma carga afetiva e dramática. Além disso, configuram-se

como uma forma econômica de se manter o tópico em andamento. De acordo com Aristóteles, é justamente esse efeito o que caracteriza o estilo.

Os trabalhos descritos aqui parecem dar suporte a um entendimento das repetições enquanto estratégia de persuasão nos discursos públicos orais, como é o caso de nosso *corpus*, constituído de um discurso político-eleitoral. Ainda assim, as funções estabelecidas nesses trabalhos não satisfazem completamente nossa intuição acerca da íntima relação que se pode estabelecer entre as repetições, a propaganda política e a lógica quantitativa da comunicação em massa, presentes no lema “*make it easy*”. As sessões 4 e 5 tratam do percurso empreendido na criação de nosso próprio olhar sobre o fenômeno.

### **3) Repetições e Processamento do Discurso**

A teoria de processamento do discurso evidencia a relação entre a organização lingüístico-discursiva e os mecanismos de alocação, agilização, diminuição ou inibição de processos cognitivos relacionados à compreensão, atenção e memória de trabalho. Uma premissa básica, oriunda dos estudos de psicologia cognitiva, considera que as limitações da memória de trabalho (a impossibilidade de se manter muitas informações por muito tempo em seu sistema) afetam tanto as escolhas discursivas, no âmbito da produção, quanto o processamento desta (no âmbito da compreensão). Sendo assim, uma vez que a mente possui muita informação estocada, e muito pouco desta pode estar ativa, ou focada, em um mesmo tempo, nossa hipótese é que a proeminência das repetições apresenta-se como uma estratégia relevante na medida em que diminui o custo de processamento, servindo ao propósito comunicativo de atingir e convencer grandes massas.

Chafe (1987), incorporando os estudos acerca da organização da informação (cf. Moura Neves, 1997) aos processos mentais, afirma que, na produção do discurso, o modo como o conteúdo é empacotado se dá em função de aspectos sociocognitivos. Assim, à dicotomia inicial entre informação dada (compartilhada) e nova (desconhecida no momento da comunicação) o autor vincula processos mentais relacionados à memória e à atenção.

Para isso, Chafe (1987) introduz os conceitos de unidade entoacional e estados de ativação. A unidade entoacional é uma seqüência de palavras sob um único contorno entoacional. Usualmente apresenta-se delimitada por pausas. Já os estados de ativação correspondem ao *status* que as informações que se sucedem no fluxo discursivo adquirem, conforme sua estada no foco de atenção. Cada peça de informação é expressa em uma unidade entoacional, e o discurso vai, narrativamente, modificando os estados de ativação na

mente do interlocutor. São três os estados de ativação descritos por Chafe (1987): informação ativa: conceitos que estão no foco de atenção, correspondentes à informação dada. Informação semi-ativa: relativa aos conceitos que estão na consciência periférica, no pano de fundo dos mecanismos de atenção; são as informações em unidades entoacionais anteriores e que perderam tal *status* devido à limitação da memória de trabalho. São também chamadas de informações acessíveis, porque estão sempre sujeitas à reativação. Informação inativa: relativa aos conceitos que são recuperados da memória de longo-prazo, que não estão no foco de consciência e demandam custo e tempo de processamento para serem recuperadas.

Givón (1995), corroborando Chafe, presume o discurso como uma rede informacional formada por nódulos, que correspondem, cada um deles, a um domínio conceitual. A aposta do autor é que a gramática funcionaria como um conjunto de instruções para operações mentais, como a ativação de nódulos e a conexão entre eles. Quanto maior o número de conexões de um nódulo, mais reforçado e mais acessível ele é. Dentre esses recursos capazes de conectar nódulos, estariam os processos catafóricos e anafóricos. Enquanto a catáfora sinaliza atividade continuada na rede informacional, a anáfora seria um recurso que economiza custo de processamento, já que reforça um nódulo já existente, “escorando” a informação que chega a um item pré-existente no texto.

Disso se conclui, concordando com Saliés (1997), que escolhas lingüísticas podem facilitar e agilizar, diminuir ou inibir processos cognitivos, dependendo do tipo de conexão que estabelecem com a rede informacional e os recursos de memória.

Se as repetições funcionam como pista anafórica, de retomada e ou ratificação de informações ativas ou semi-ativas no discurso, isso quer dizer que, conforme postulado por Chafe (1987), Givón (1995) e Saliés (1997), aumentam a acessibilidade do texto, tornando-o mais compreensível. Isto é, no discurso político, devido à necessidade de facilitar ao máximo o processamento, para garantir o acesso às grandes massas, conceitos são reforçados de forma a reduzir ao máximo a possibilidade de mal-entendidos, evitando o esmaecimento dos conceitos no foco da consciência; as repetições alinham-se, portanto, ao lema “make it easy” mencionado na introdução deste artigo.

No exemplo (4), observamos que a repetição lexical idêntica da lexia *poder* acarreta potencialmente uma economia no processamento da informação, pois o conceito permanece ativo desde sua primeira menção, eliminando a necessidade de se ativar uma nova lexia ou de se buscar o co-referente.

(4)

*graças ao mau exemplo desses políticos,  
que entendem  
chegar ao **poder** como um processo de apropriação do **poder**,  
e não como uma doação ao **poder**,  
como deve ser.*

Ainda sob essa ótica, podemos afirmar que as repetições nesse contexto funcionam como uma estratégia relevante. Segundo a teoria da relevância (Sperber & Wilson, 1995), a comunicação humana é regida pela busca de recursos discursivos que otimizem a produção de implicaturas e o tempo de compreensão de um enunciado. Tais implicaturas estão alinhadas ao propósito comunicativo, à articulação dos conhecimentos prévios e a referências contextuais, na medida em que, alinhado às variáveis pragmáticas, o discurso gera efeitos contextuais que agilizam o processamento, já que não sobrecarregam o interlocutor com informações desnecessárias.

Retomando o exemplo (1), introduzido no item 2, este reforça nosso argumento, se considerarmos que a primeira ocorrência de ‘cadeia’ poderia ser, em outros contextos e gêneros, dispensada, pois não faria falta à compreensão global do texto, e apenas “alargaria” a produção de fala de forma irrelevante, se não considerássemos os efeitos contextuais que gera, tais como “eu vou colocar todos os corruptos na cadeia ao contrário dos outros candidatos”, “eu vou me doar ao poder”... Esses efeitos são maximizados pela dupla ocorrência da lexia, tornando a repetição extremamente relevante ao alinhá-la ao propósito comunicativo e conseqüentemente, facilitar a compreensão (cf. Sperber & Wilson, 1986). Ainda no exemplo (1), temos ocorrências de repetições lexicais complexas (‘corrupto’; ‘corrupção’). Acreditamos que também essa forma de repetir gera comportamento semelhante ao observado nos demais exemplos na cognição humana, já que a entrada lexical, a despeito das variações morfológicas, é uma só, i.e, um mesmo nóculo está sendo ativado na rede informacional, conforme descrito por Givón (1995).

#### **4) Repetição e Mesclagem**

Johnstone (1987; 1991), a partir da análise de discursos árabes, constata que as repetições são freqüentes tanto em discursos planejados, para fins retóricos, quanto em conversas espontâneas, com menos consciência de sua função. Focando especificamente os paralelismos sintáticos com diferença (cf. exemplo 2), Johnstone os assume como pistas de um modo peculiar, segundo a autora, de construção argumentativa, pelo qual se enquadram

novas informações em *frames* já abertos (portanto semi-ativos) a partir da identidade sintática. Soma-se, assim, à questão do processamento, um novo aspecto semântico, sendo esse um exercício de re-categorização, que visa a incluir, em um mesmo paradigma, os elementos que se encontram em posição similar na estrutura sintática.

Johnstone não descreveu, entretanto, o mecanismo cognitivo que engendra tal processo, o qual, acreditamos, seja a mesclagem, em inglês, *conceptual blending* (Fauconier & Turner, 2002).

Seguindo a linha teórica da Semântica Cognitiva, Fauconier e Turner (2002) crêem que as categorias, longe de corresponderem a pacotes fechados e estáveis de conhecimento, estruturam-se radialmente e se estendem à medida que incorporam novos materiais. O que permite tal extensão é o processo de mesclagem, um processo de aproximação de conceitos por associação dinâmica e imaginativa. Para entender o processo de mesclagem, é preciso esclarecer que, na abordagem sociocognitiva, a experiência e a percepção têm papel preponderante na construção de sentido, e que nossas bases de conhecimento, sejam essas estáveis ou fugazes, bem como mecanismos de ordem cognitiva, se articulam nesse processo (Salomão, 1999:32). No caso específico da mesclagem, colocamos em correspondência diferentes domínios conceptuais-fonte (*inputs*), pacotes de conhecimento estruturados ao longo de nossas interações com o mundo, que são parcialmente projetados em um espaço mescla imaginado. A associação é possível graças a um esquema genérico, que abarca a comunalidade dos *inputs*. A mescla emerge, então, como um novo conhecimento, em que elementos de domínios diferentes integram-se em um novo enquadre. Trata-se de um tipo de construção que privilegia dados aspectos em detrimento de outros. Os propósitos comunicativos ou a orientação ideológico-discursiva orientam tal seleção – que é, portanto, perspectivada –, ou seja, trata-se de um processo guiado por variáveis de natureza pragmática.

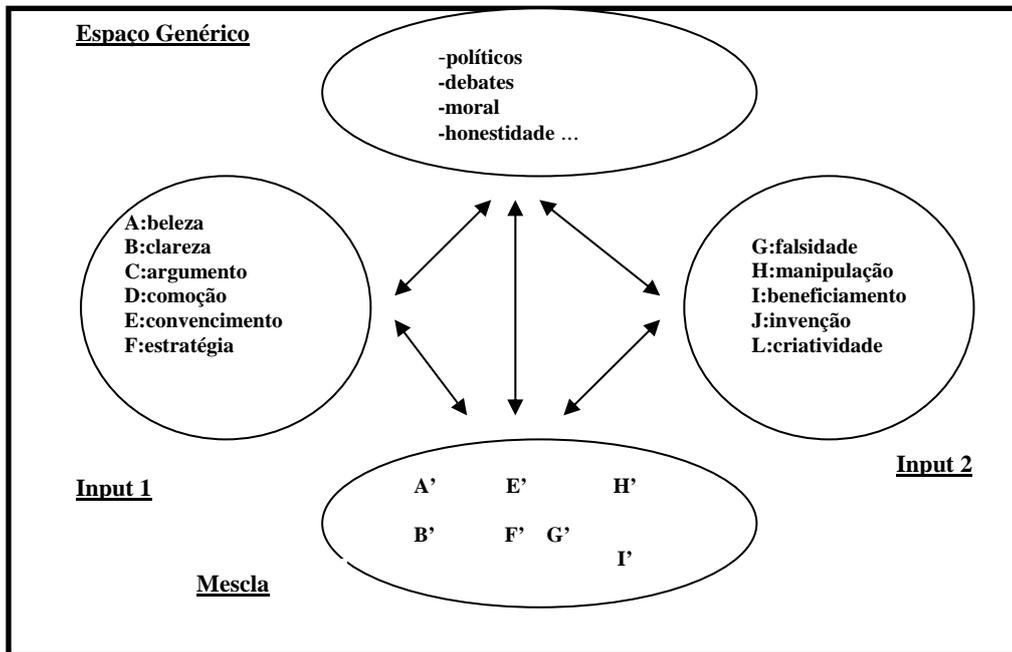
No exemplo (5), temos uma mesma estrutura sintática e uma troca paradigmática na posição N (eloqüência/ mentira) ilustrando um processo de mesclagem.

(5)  
*enquanto nós não tivermos partidos políticos consolidados, ..*  
*partidos políticos de vergonha ((ênfase no gesto)),*  
*que façam ..((ênfase no gesto)),*  
*que exercitem .. ((ênfase no gesto)) o discurso,*  
*que nas épocas das campanhas eleitorais,*  
*com tanta eloqüência,*  
*com tanta mentira, ((ênfase no gesto))*

costumam colocar.

Nesse exemplo, vemos como diferentes domínios foram associados por inferência pelo enunciador, levando os participantes à re-categorização dos dois itens. Alguns atributos pertencentes ao domínio *eloquência* (argumentação, beleza, clareza, comoção, estratégia, convencimento) entraram em correspondência com alguns atributos pertencentes ao domínio *mentira* (falsidade, manipulação, beneficiamento, invenção, criatividade), conforme ilustrado na figura 1.

**Figura 1 – Mescla: Eloquência é Mentira**



Esse processo de re-categorização acontece dentro da moldura comunicativa ‘propaganda política no Brasil’, na qual há um sujeito enunciador que perspectiva a realidade, imprimindo na co-construção dela o seu ponto de vista. Tal ponto de vista é coerente com o posicionamento da “oposição” no jogo eleitoral, a quem cabe desqualificar os adversários e o mundo construído por estes. O espaço genérico apresenta estruturas mais abstratas, as quais os *inputs* compartilham, como ‘moral’, ‘honestidade’, ‘políticos’ e ‘debates’ que refratam todos os espaços envolvidos no processo de mesclagem. Desse espaço mescla, uma construção epistêmica emerge, co-construindo um mundo possível, onde eloquência é mentira.

## 5) Considerações finais

Conforme anunciado na introdução, o presente estudo pretendeu demonstrar as funções das repetições no discurso de campanha de Fernando Collor nas eleições de 1989. Nesse sentido, corroboramos estudos como os de Johnstone (1987; 1990), Tannen (1989) e Koch (2005), e avançamos conhecimento sobre nosso contexto socialmente situado, ao contemplar as repetições dentro do prisma sociocognitivo, seja como recurso diminuidor do custo de processamento, seja como mecanismo que aciona processos de re-categorização via mesclagem. Estando essas funções intimamente relacionadas a fatores pragmáticos, consideramos relevante que pesquisas futuras debruçem-se sobre outros discursos e gêneros, a fim de melhor clarificar a relação entre as repetições, enquanto recurso linguístico-discursivo, e as variáveis macro-estruturais.

## **Bibliografia**

- ARISTÓTELES, *Arte Retórica e Poética*; trad. Antônio P. de Carvalho. - Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- CHAFE, W. Cognitive Constraints on Information Flow. In: Russell, Tomlin (ed.), *Coherence and Grounding in Discourse*, 21-51. Amsterdam: John Benjamins, 1987
- FAUCCONIER, G. & TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2004.
- GIVÓN. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976
- JOHNSTONE, B. Perspectives on repetition. Special issue of *Text* (vol. 7 (3); pp. 205-311), 1987.
- JOHNSTONE, B. *Repetition in arabic discourse: paradigms, syntagms, and the ecology of language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- KOCH, Ingedore V. *O texto e a construção de sentido*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LIMA, C. Comunicação e cultura de massa: Abordagem histórica. In: *Tempo Brasileiro* 19-20: Comunicação e cultura de massa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969
- MOURA NEVES, H. *A gramática funvional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SALIÉS, T. *Texts as image-schemas: A crosslinguistic study of discourse in the light of cognitive linguistics*. Dissertation Abstracts International (UMI) 59 (2), p. 0473, 1997.
- SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, UFJF, v. 4, n. 1, p. 61-79, 1999.
- SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: Communication and Cognition*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1986.
- TANNEN, D. *Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. In: *Studies in Interactional Sociolinguistics* 6. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.